

Política

SUCESSÃO PRESIDENCIAL

Ulysses acha que sua candidatura vai bem e que o PMDB está unido

por Maria Luisa Teixeira
de São Paulo

O PMDB, desgastado por sua ligação com o governo Sarney, já não tem o "brutal favoritismo" conquistado nas eleições de 1986; reconhece seu candidato à Presidência da República, deputado Ulysses Guimarães. Entretanto, "o partido não está mal, não está puxando o candidato para baixo", analisa Ulysses, notando que o PMDB, ao contrário, tem hoje um índice de aprovação de 20% nas pesquisas, o dobro obtido por ele próprio, como presidenciável.

Se a potencialidade do PMDB é animadora, o desafio de Ulysses e seu companheiro de chapa, Waldir Pires, é por em campo para a campanha a fatia do partido que ainda está "ociosa", descrente das possibilidades de seus candidatos nas urnas. E entre esses recalcitrantes se encontram até mesmo alguns governadores, donos de notável influência dentro da legenda que, desde as convenções para debater a chapa pemedebista, jamais conseguiram chegar a um consenso.

Superado o caso do governador de Pernambuco, Miguel Arraes, que chegou a fazer duras críticas a Ulysses e a flertar com o PT antes de manifestar seu apoio à chapa do PMDB, o deputado teme agora a deserção de Tasso Jereissati, do Ceará (oitavo colégio eleitoral do País), que se inclina para a candidatura Mário Covas (PSDB), mas também poderá "collorir". "Ele está numa fase de meditação e estou certo de que se foi eleito pelo PMDB vai decidir colaborar para nossa eleição", confia Ulysses.

"Os outros estão comigo, estão trabalhando, indo a comícios", assegura, e enfatiza não acreditar que haja "ressentimentos" contra ele dentro do partido. "O que existe é que em uma família às vezes se discorda, mas sua unidade, o desejo de prestigiá-la através de um convívio, isto existe."

Entre os governadores pemedebistas, Ulysses atribui papel fundamental em sua campanha ao de São Paulo, Orestes Quércia, que foi um dos maiores defensores de sua candidatura. Quércia sempre disse que apoiava Ulysses e não aceitou ser candidato ape-

sar da insistência dos partidários que defenderam seu nome. Na análise do secretário de governo de São Paulo, Roberto Rollemberg, nessa disputa interna se localiza a origem dos "sérios problemas regionais" que ainda existem no PMDB. Os governadores que não desejavam a candidatura de Quércia também não queriam a candidatura de Ulysses, afirma.

Nesse caso, Rollemberg situa o governador do Rio de Janeiro, Moreira Franco, que quando era discutida a candidatura de Quércia — embora a maioria dos diretórios cariocas se posicionassem a favor do governador paulista — não o apoiou. "Acredito que aquelas bases que se manifestaram naquela oportunidade a favor de Quércia também vão se manifestar a favor de Ulysses", prevê.

Ainda é necessário superar as "divergências antigas que não decorrem da candidatura do deputado", defende Rollemberg, para quem o doutor Ulysses está certo ao aparar as arestas do partido antes de pôr a campanha na rua. E, nessa tarefa, Quércia deve colaborar.

Ulysses tem dito que Quércia possui "bom trânsito" entre seus colegas e poderá convencê-los a entrar na campanha. Até agora, no entanto, Quércia tem feito poucos contatos com os governadores. No início da campanha ele esteve fora, em viagem de dezessete dias ao Leste europeu, e coube ao vice-governador Almino Afonso travar as primeiras conversas com Arraes e Jereissati, entre outros. De volta a São Paulo, o governador tem permanecido no Palácio dos Bandeirantes onde foram a seu encontro até agora Max Mauro (Espírito Santo) e Marcelo Miranda (Mato Grosso) que já se declararam engajados à candidatura.

"Vamos concentrar a campanha em São Paulo", explica Quércia, apesar de não descartar possíveis viagens pelo Brasil quando forem necessárias. Hoje, por exemplo, o governador paulista acompanha Ulysses a Foz do Iguaçu, para o encontro de prefeitos e vereadores do PMDB. O próprio candidato pediu a Quércia que fosse por sua vinculação com o movimento municipalista.